

# Preleções sobre Platão<sup>1</sup>

Friedrich Nietzsche

Plato

amicus

sed –

Platão e seus predecessores.

Uma tentativa de ser útil às aqueles [que querem se preparar para ler Platão.] que querem ler Platão e consideram necessário se preparar para tanto.

Introdução ao Estudo dos Diálogos Platônicos (Semestre de Inverno 1871-1872)<sup>2</sup>.

Sobre a Vida e os Escritos de Platão (Semestre de Inverno, 1873-1874).

Sobre a Vida e a Doutrina de Platão (Semestre de verão, 1876).

Introdução ao Estudo de Platão (Semestre de Inverno, 1878-1879).

A tarefa principal é dada no título: introdução aos Diálogos. Ou seja, estudo de *todos* os Diálogos, com o objetivo de uma cuidadosa leitura. Sobretudo os pressupostos, a época, as personagens, depois a *estrutura*. Enfim, a forma artística. Anotar os traços característicos e as belas passagens. Para observar como introdução: 1) um panorama sobre a literatura recente e sobre as questões propriamente platônicas; 2) um esboço da vida segundo as fontes originais, na tentativa de traçar a personalidade de Platão.

---

<sup>1</sup>Nietzsche, Friedrich. *Vorlesungsaufzeichnungen (WS 1871/72-WS 1874/75)*. Bearbeitet von Fritz Bornmann und Mario Carpitella. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1995. (Esta é a única publicação completa e filologicamente aceitável do texto das Preleções de Nietzsche sobre Platão. A edição francesa, largamente utilizada no Brasil, não é completa e sua base, a edição Kröner das Preleções, é filologicamente bastante frágil N. do T.). Tradução: Ernani Chaves (Professor da Faculdade de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Filosofia da Universidade Federal do Pará/Pesquisador CNPq).

<sup>2</sup> Esta tradução se resume às páginas iniciais das Preleções sobre Platão, proferidas por Nietzsche na Basileia, em diversas ocasiões e com diversos títulos. Além do que poderíamos chamar de “Introdução”, na qual Nietzsche expõe os seus objetivos, apresentamos o que, do ponto de vista teórico-metodológico, considero que há de mais importante nestas Preleções, qual seja, o posicionamento crítico de Nietzsche em relação à interpretação que Friedrich Schleiermacher fez da obra de Platão. Para esta tradução, mantivemos, sempre que possível, a estranha, para nós, pontuação de Nietzsche, tal como registrada no manuscrito das Preleções (N. do T.).

Em investigações desta natureza nos concentramos ou na filosofia ou no filósofo; queremos o último: apenas nos servimos do sistema. O homem é ainda mais notável do que seus livros.

Platão sempre foi considerado, com justeza, o guia autenticamente filosófico da juventude. Ele mostra a *imagem* paradoxal de uma *transbordante* natureza filosófica, que é capaz tanto de um extraordinário olhar *claramente* abrangente, quanto do trabalho dialético do conceito. [Ela] A imagem desta natureza transbordante inflama o impulso à filosofia: ela incita verdadeiramente o θαυμάζειν [espanto], que é o πάθος [pathos] filosófico. A doutrina das ideias é algo bastante assombroso, uma inestimável preparação para o idealismo kantiano. Aqui, é ensinado com todos os meios, também com o mito, o correto antagonismo entre coisa em si e fenômeno: com o qual toda filosofia profunda começa: enquanto que no momento o comum antagonismo entre corpo e espírito deve ser sempre o primeiro a ser superado.

Para os *filólogos*, o valor de Platão aumenta mais ainda. Ele deve ser considerado por nós como um substituto dos extraordinários escritos dos filósofos pré-platônicos, que se perderam. Imaginemos se tivéssemos perdido Platão: e que a filosofia teria começado com Aristóteles: nesse caso, jamais poderíamos imaginar os antigos *filósofos*, os quais são, ao mesmo tempo, *artistas*. Não teríamos nenhum exemplo de quão longe, em meio à época clássica, o idealismo grego caminhou: não entenderíamos nada do estímulo profundo e inteiramente novo que, por meio de Sócrates, se contrapôs com um incrível radicalismo ao mundo existente na política, na ética e na arte. Platão é o único grego que, [em meio à] ao final da época clássica, se dispôs a uma crítica: para nós este é o maior θαύμα [espanto, milagre], quando pensamos em nossa elevada apreciação deste mundo que ele submeteu a seu julgamento.

Como *escritor*, Platão é o prosador mais talentoso: altamente versátil, dominando todas as nuances, o perfeito erudito da época mais erudita. Na estruturação dos diálogos, mostra um grande talento dramático. Mas, devemos sempre enfatizar, que o escritor Platão é apenas um εἶδωλον [simulacro] do autêntico *mestre* Platão, uma ἀνάμνησις [rememoração] dos discursos no jardim da Academia. Também para isso devemos utilizar seus escritos, para restaurar o espírito daquele círculo filosófico. Para uma época literária como a nossa, é muito difícil preservar este caráter de lembrança dos diálogos platônicos. Não se trata, de modo algum, de um mundo meramente literário, como o nosso (como nos modernos diálogos). Devemos tentar traduzir o Platão escritor para o *homem* Platão, pois se entre os modernos é usual que a obra (os escritos) tenha mais valor do que o trato com seu autor e assim os escritos conservam sua quintessência, no mundo inteiramente público e apenas secundariamente literário dos Helenos é diferente. Adquirimos uma imagem mais precisa da característica principal de Platão por meio de alguns *eventos* que nos foram transmitidos (por exemplo, as viagens políticas), do que por meio de seus escritos. Não devemos considera-lo um sistemático *in vita umbratica*, mas como agitador político, que quer tirar o mundo inteiro dos eixos e que, entre outras coisas, se torna escritor para atingir este objetivo. A fundação da Academia é para ele muito mais importante: ele escreve para fortalecer, na luta, seus companheiros da Academia.

#### §. 1 A literatura recente sobre Platão.

A primeira obra abrangente de *Tennemann*, o kantiano “Sistema da filosofia platônica”, 4 volumes, Leipzig 1792-95 (o primeiro volume começa com a vida de Platão. Ele quer apresentar *sistematicamente* o pensamento de Platão. Neste sentido,

considera os escritos preservados como exotéricos e propedêuticos e lamenta, por exemplo, a perda das *ἄγραφα δόγματα* [doutrinas não-escritas] (Aristóteles, Física, IV,2). Platão tinha uma “dupla filosofia”, uma “pública e uma secreta”. Os próprios escritos são apenas partes de sua autêntica filosofia. Apesar disso, Tennemann<sup>3</sup> crê ser possível restaurar o sistema, na medida em que separemos o pensamento de Platão das metáforas e de seus ornamentos. Desse modo, acredita num sistema platônico, retomando a suposição de Meiner. Ele não colocou a questão da articulação interna dos escritos. A forma estética aparece apenas como o ornamento, atrás do qual Platão escondeu seus pensamentos por medo da multidão despreparada e fanática. Resumindo: 1) a exigência moderna de sistematização, 2) a recusa da forma artística, 3) a falta de um desenvolvimento realmente vivido, de uma consideração específica de cada Diálogo em conexão com um Platão *se transformando*.

Uma corrente inteiramente nova de estímulo partiu de *Schleiermacher* (Platão, Obra traduzida do grego, 2 Partes em 5 Volumes. Berlim 1804-1810, parte II Vol. 1, 1828) 3 edição, 1855-1862. Até aqui, a melhor tradução, apesar do alemão empolado (reconhece-se o autor dos “Discursos sobre Religião”, entre outros).<sup>4</sup> Ele faz parte dos estilistas funestos, como Hegel. – se volta contra a dissecação anatômica e o encaixe sequencial, tendo em vista um sistema de pensamento exigido pela filosofia escolar. Justamente em Platão, forma e conteúdo seriam inseparáveis. Em oposição a esta ordenação sistemática, Schleiermacher apresenta seu propósito de expor o *organismo da obra platônica*. Ele quer remeter cada uma das obras a seu contexto original: ele quer que ao lado do filósofo, também apareça o artista. Ele chama atenção pela primeira vez e de maneira enérgica para a profissão de fé de Platão sobre a escritura no Fedro 275 A. Nesta passagem, o rei egípcio Thamus diz ao deus Theuth, o inventor da escrita: 1) οὐ μνήμης ἀλλὰ ὑπομνήσεως φάρμακον ἦρες. [Não inventaste um auxiliar para a memória, mas apenas para a recordação] 2) σοφίας δὲ τοῖς μαθηταῖς δόξαν, οὐκ ἀλήθειαν πορίζεις [Transmites aos teus alunos uma aparência de sabedoria, e não a verdade]. (Aquele acredita ter encontrado um φάρμακον μνήμης τε καὶ σοφίας [um auxiliar para a memória e a sabedoria]). A esse respeito, Sócrates esclarece, de maneira simples, que os discursos escritos não têm outra utilidade a não ser lembrar *o já sabido*. Motivos: 1) O escrito, uma vez publicado, vaga indistintamente aqui e acolá, sem poder escolher os leitores certos; 2) Ele não dá nenhuma resposta às perguntas daqueles sedentos por aprender: quem pensa aprender com eles, não atinge o verdadeiro conhecimento, mas apenas um ilusório e aparente conhecimento (semelhante às plantas semeadas no jardim de Adônis); 3) Ele não pode se defender dos ataques injustos. Mas, como recordação, ele serve como εἶδωλον [simulacro] do discurso oral. A aula é uma ocupação séria: escrever é apenas um jogo, mas um jogo nobre e prazeroso (παγκάλῃ παιδίᾳ) [juventude em tudo bela]. O escrito permite àquele que já sabe que ele coleciona, para si mesmo, um tesouro de lembranças, numa idade em que já se esquece das coisas e também para todo aquele que persegue o mesmo rastro. – Por meio de uma falsa interpretação, Schleiermacher institui uma classe de escritos cuja meta seria “levar o conhecimento ao leitor que ainda não sabe”. Para uma demonstração deste erro, ver Überweg, Investigação acerca da autenticidade e cronologia dos escritos de Platão, Viena, 1861, p.21. Assim sendo, Schleiermacher conclui que Platão teria claramente tentado tornar seu ensinamento escrito o mais próximo possível do melhor ensinamento,

<sup>3</sup> Trata-se de Wilhelm Gottlieb Tennemann (1761-1819), filósofo e historiador, professor de História da Filosofia em Jena e Marburg (N. do T.).

<sup>4</sup> Seu alemão é muito admirado: eu o considero, entretanto, um alemão empolado e funesto, cuja frequência pode corromper o estilo e até mesmo a sensibilidade para com o estilo platônico.

o oral. Disso resultou a suposição de Schleiermacher, segundo a qual a *totalidade* dos escritos possuía um desenrolar semelhante, tal como ele aparece em cada diálogo e, em geral, na preleção oral, ou seja, como uma passagem de um *modo sugestivo para um expositivo*. Desse modo, ele diferencia a obra platônica em duas partes, 1) a elementar e 2) a construtiva e introduz obras que preenchem o hiato entre a parte elementar e a construtiva.

- 1) Contêm as doutrinas fundamentais da dialética como a técnica da filosofia, as ideias como o objeto da filosofia. Elas trazem as marcas da juventude. O prático e o teórico estão separados nelas. Existe muito de mítico, transposto, posteriormente, para o científico.
- 2) Tratam da utilização dos princípios, da diferença entre conhecimento filosófico e comum, em relação com a ética e a física. Elas se caracterizam por uma artificialidade mais desenvolvida. São “exposições indiretas”.
- 3) “exposição cientificamente objetiva”. Característica da idade e do maior amadurecimento.

Em todas as classes, Schleiermacher diferencia *obras principais de obras secundárias, ao modo de satélites*. I) Fedro, Protágoras, Parmênides; II) Teeteto, Sofista, Político, Fédon, Filebo, República III, Timeu, Crítias.

Obras secundárias: I: Lísias, Cármides, Eutifron

II: Górgias, Mênon, Eutidemo, Crátilo, Banquete (Convívium)

III: Leis (Leges).

Além disso, “escritos de ocasião”: I) Apologia, Críton (e então, alguns não-autênticos e meio-autênticos) e II) Teages, Erastas, Alecbíades I, Menéxeno, Hípias Maior, Clitofon. III) nada.

Essa diferenciação em 3 classes vale tanto do ponto de vista cronológico, quanto do conteúdo. Schleiermacher considera que existe a mesma tendência na vida de Platão, que restitui a imagem de uma “conversação filosófica”, de tal modo que toda sua atividade como escritor seria uma espécie de grande logos. Neste ponto, ele introduz a ideia de que por meio do escrito “*aquele que ainda não sabe seria levado a saber*”; esse procedimento teria êxito por meio da maior aproximação possível à melhor forma de ensinar, a preleção oral. Aqui encontramos o *πρώτον ψεύδος* [a primeira falsidade]: esta hipótese inteira está em *contradição* com o esclarecimento dado no Fedro e se apoia em uma *falsa interpretação*. Platão diz que o escrito, enquanto meio de lembrança, tem significado apenas para aquele que já sabe. Por isso, o escrito mais perfeito deveria imitar a forma oral de ensino: ou seja, para recordar como aquele que sabe se tornou sábio. O escrito “deve ser um tesouro de meios de lembrança para aquele que sabe e seus companheiros filósofos”. Segundo Schleiermacher, o escrito deveria ser *o segundo melhor meio* para fazer com que aquele que não sabe venha a saber. Assim sendo, a totalidade teria uma mesma meta, ensinar e educar. Mas, segundo Platão, o escrito não tem, de modo algum, o objetivo de ensinar e educar, mas apenas o de ser um meio de lembrança para o já educado e instruído. O esclarecimento da passagem do Fedro pressupõe a existência da Academia, os escritos são meios de lembrança para os membros da Academia. A posição de Schleiermacher pressupõe que Platão manteve, *durante toda a sua vida, um curso* de como se deve ensinar: uma posição inacreditável: pois os personagens mudam, os talentos são diferentes. Seria, pois, para a *παγκάλη παιδία* [juventude em tudo bela] do escrito de um pedantismo incrível indicar durante 40

anos um curso de caráter propedêutico: ou seja, desconsiderando seus próprios conhecimentos e o estado [cambiante] deles a cada momento, e guiando-se exclusivamente pelo desenvolvimento *completamente fictício* de *um aluno*, que é ensinado com regularidade durante 40 anos. (Se Platão tivesse esse plano, então ele deveria dá-lo a conhecer; caso contrário, todo o objetivo do plano se frustraria. Ele deveria deixar ao leitor uma instrução). Neste ponto 1) nenhuma consideração pelo *artista*: dever-se-ia estimular, que este se expressasse por si mesmo. Do mesmo modo, muito pouca consideração ao *reformador político*, aquele para quem se fazia necessário anunciar, e não apenas na última metade dos 40 anos de atividade de ensino, a reforma do estado. Pensemos que aos 40 anos de vida acontece a primeira *grande viagem e a fundação da Academia*. Em terceiro lugar, nenhuma consideração sobre o mestre: aquele que com seus escritos não se dirige primeiramente para o público, mas para os discípulos. A hipótese de Schleiermacher só é possível em uma época *literária*. Enquanto Tennemann reconhece em Platão o *professor* (Professor) acadêmico, Schleiermacher vê nele o *mestre* (Lehrer) *literário*, que tem um público ideal de leitores, o qual quer educar metodicamente: mais ou menos como ele faz nos “Discursos sobre a Religião”, ao se dirigir aos instruídos [...].